

## POR TRÁS DAS CÂMERAS: atenção e vigilância dos trabalhadores de um centro de controle

*Behind The Cameras: attention and surveillance of workers at a control center*

**Icaro Ferraz Vidal Junior<sup>a</sup>**

<sup>(a)</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ – Brasil, e-mail: icaroferrazvidal@yahoo.com.br

### Resumo

Defendemos os regimes atencionais como adjacências históricas privilegiadas e esperamos nuançar as ressonâncias da difusão de novas tecnologias de vigilância e controle social nos modos de subjetivação contemporâneos. Partiremos das categorias postuladas por Parasuraman e Camus a fim de verificar os modos de atenção que se plasam no exercício profissional dos funcionários do Centro de Controle da Central de Operações da Ponte Rio-Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Esperamos assim, situar os dispositivos de vigilância e controle social ao lado dos vetores que produzem a controversa figura do portador de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), sinalizando as tensões, e eventuais contradições, entre o projeto contemporâneo de *controle social total* e os sujeitos que se configuram *por trás* das câmeras de vigilância.

**Palavras-chave:** atenção, vigilância, subjetividade contemporânea

### Abstract

*We defend the schemes of attention as privileged historical surroundings and we hope to nuance the echoes of diffusion of new technologies of surveillance and social control in contemporary modes of subjectification. Using the categories postulated by Parasuraman and Camus, we will check the modes of attention which are formed in the practice of workers of the Control Center for Operations of the Ponte Rio-Niterói, in Rio de Janeiro, Brazil. Thus we hope to place the devices of surveillance and social control on the side of vectors that produce the controversial figure of the carrier of Attention Deficit and Hyperactivity Disorder (ADHD), signaling the tensions and possible contradictions between the contemporary project of total social control and the subjects that are shaped behind the surveillance cameras.*

*Keywords:* attention, surveillance, contemporary subjectivity

*Na diversidade revelada, encontramos uma certa “fenomenologia mínima da atenção”: ela é um ato que direciona a mente e o corpo para um objeto ou para uma idéia, selecionando-os entre os demais e inibindo os que não serão atendidos; ela torna o objeto de sua escolha mais distinto e claro; ela aumenta a acuidade sensorial do objeto percebido; é limitada; ela é um estado de fixação ou suspensão que, em maior ou menor grau, é marcado por oscilações e deslocamentos.*

(CALIMAN, 2006, p.11)

*If selective attention serves coherent, goal-directed behavior, vigilance – or sustained attention – ensures that goals are maintained over time. The need for sustained attention defines a component of attention that is distinct from selection. In fact, some evidence suggests that selective and sustained attention might be opponent processes that ensure a kind of attentional balance in the organism.*

(PARASURAMAN, 2000, p. 7)

## INTRODUÇÃO

Uma série de temáticas contemporâneas vem tomando lugar nos trabalhos acadêmicos, na mídia e nos debates públicos de um modo mais amplo. Dentre essa multiplicidade de problemas/questões, destacamos dois temas e tentamos relacioná-los entre si. Estes problemas coincidem, dentre muitos fatores, por derivarem dos estudos empreendidos pelo filósofo francês Michel Foucault e, portanto, em, muito frequentemente, beber nos aportes foucaultianos para tomarem forma e serem analisados. Tais questões podem ser resumidamente definidas como a problemática do corpo nas sociedades capitalistas ocidentais e, aqui, interessa-nos a inflexão contemporânea desta problemática, que consiste no crescente processo de somatização do mundo social e dos afetos, e a questão da vigilância.

Os modos como percebemos o mundo delineiam-se a partir de uma enorme variedade de relações que constituem a formação histórica à qual pertencemos. Assim, processos cognitivos como percepção, memória e atenção podem ser compreendidos, para além de suas bases biológicas, como adjacências históricas cujas cartografias têm a potência de elucidar o momento em que vivemos e a sociedade que produzimos e que nos produz. Eis o pressuposto sobre o qual se alicerça este trabalho; sem desprezar um suposto regime ontológico de corporeidade envolvido nos processos cognitivos, nos deteremos na dimensão histórica desses fenômenos, mais precisamente, na dos fenômenos atencionais.

Com relação à atenção, interessa-nos os parâmetros de normatização e estigmatização que são impressos sobre determinadas formas de estar (des)atento. Tais parâmetros revelam fragilidades quando confrontados com as recentes demandas implementadas, por exemplo,

por novas tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, os sistemas de monitoramento e vigilância tecnologicamente mediados nos servem, aqui, ao empreendimento de relativização do modelo atencional adotado como *normal*. As inflexões contemporâneas nos dispositivos de monitoramento e vigilância, catalisadas pela acessibilidade a toda uma gama de tecnologias de produção de imagem e informação, demanda novas formas de atenção de seus operadores. Baseamos-nos na suspeita de que essas novas demandas atuam tensionadas com o regime atencional patologizado sob a etiqueta médico-psiquiátrica do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

O trabalho de atenção daqueles envolvidos no monitoramento e na vigilância do espaço público é o que tentamos consignar neste artigo, ainda de modo bastante incipiente. Que paisagem é esta que se delineia a partir de múltiplas perspectivas visuais propiciadas pelas câmeras de vigilância? Diante de tantos estímulos, como opera a atenção desses profissionais? Observamos e conversamos com os trabalhadores do Centro de Controle Operacional da Ponte Rio-Niterói, no estado do Rio de Janeiro, a fim de compreender os modos de subjetivação que se configuram em meio à exposição continuada às tecnologias de vigilância. A escolha por este campo foi condicionada por nos colocar o mais próximos possível daquilo que Max Weber (1987) chamou tipos “ideais”.

Por exemplo, o mesmo fenômeno histórico pode ter aspectos feudais, patrimoniais, históricos e carismáticos. Para fornecer a estes termos a necessária precisão, a sociologia deve projetar tipos “puros” (“ideais”) de formas correspondentes da ação humana, que em cada caso envolvem o grau mais alto possível de integração lógica por causa de sua completa adequação de sentido (WEBER, 1987, p. 33).

Ou seja, estamos pleiteando que o CCO da Ponte Rio-Niterói é um espaço privilegiado para cartografar as relações entre corpo e vigilância que vigoram na contemporaneidade. É importante ressaltar, ainda atravessados pela idéia weberiana dos tipos “ideais” que não se trata de generalizar o que encontramos em nossa pesquisa de campo na Ponte S/A pois, como destaca o próprio Weber,

não é quase nunca, em nenhuma oportunidade, provável que se possa encontrar um fenômeno real que corresponda exatamente a um desses tipos idealmente construídos. A situação assemelha-se ao cálculo de uma reação baseada no vácuo absoluto. Somente com base em tais tipos ideais é possível a análise teórica no campo da sociologia (op.cit., p.33).

Essa suposta “pureza” que encontramos na pesquisa de campo no Centro de Controle do Tráfego (CCT) do CCO da Ponte Rio-Niterói está relacionada ao tempo de exposição às imagens de vigilância desses trabalhadores, que é, em média, de 12 horas diárias. No entanto, é preciso destacar que, operando na contramão desta “pureza” encontra-se uma distinção enfatizada por Thomas Y. Levin (2002). O autor traça uma linha de descontinuidade entre as modernas tecnologias de controle de tráfego e seus usos como dispositivo de vigilância, o que viabiliza essa distinção, segundo o autor, inspirado pelo relatório do caso de *Tiennamen Square*<sup>1</sup>, (LEVIN, 2002, p. 579), é o critério da responsabilidade democrática. Apesar de, na concretude do caso estudado, essas fronteiras revelarem-se mais fixadas em função da própria natureza da ponte, onde não há a circulação de pedestres, é recorrente a solicitação judicial do material gravado, que fica disponível no sistema por até uma semana.

## O CENTRO DE CONTROLE DO TRÁFEGO (CCT)

Em uma das visitas ao CCT, pude acompanhar um alto funcionário guiando um coronel que estava visitando as instalações da Ponte e apresentou aquele setor como sendo o “cérebro da Ponte”. Ao demonstrar a potência tecnológica dos dispositivos de produção de imagem envolvidos no monitoramento da rodovia, ressaltou que o que interessa ao CCT é a escala macro, uma visão geral do tráfego, tal como postula o regulamento da Agência Nacional de Transporte Terrestre:

Art. 2º O monitoramento do tráfego, via sistema de CFTV, deve possibilitar o acompanhamento das condições de fluidez na rodovia e dinamizar os serviços de socorro médico e mecânico, a segurança viária e a disponibilização de informações aos usuários e órgãos de trânsito.  
(...)

Parágrafo Único. No cumprimento das determinações do caput deste artigo, a concessionária, objetivando resguardar a privacidade do usuário, poderá fazer uso de recursos tecnológicos existentes para confinar o alcance das imagens aos limites da área objeto da concessão, ou para não permitir a sua nítida identificação, por exemplo, por meio de máscaras de visualização (ANTT, 2007, p. 1).

---

<sup>1</sup> “Even seemingly harmless technology such as traffic control systems can be easily refunctioned for surveillant purposes, as was evidenced by the aftermath of the clashes on Tiennamen Square. The Siemens-Plessy video-traffic monitoring system that served operation on the square was used to identify virtually all of the student leaders, in that the images from the video cameras were broadcast on state television until all the individuals had been denounced. A similar traffic control system was recently exported to the Tibetan city of Lhasa, although it has no traffic congestion problems whatsoever. The key conclusion, as articulated in the report, is simply that ‘democratic accountability is the only criterion which distinguishes a modern traffic control system from an advanced dissident capture technology’” (Levin, 2002, p. 579).

Esse interesse, no entanto, contrastava com o zoom sobre um carro enguiçado, através do qual víamos com clareza não apenas a figura dos envolvidos no evento, mas suas expressões faciais e corporais. Assim, a inocuidade apontada por Levin nos dispositivos tecnológicos de controle de tráfego em comparação com os novos dispositivos de vigilância, parece estar sendo deslocada pelos avanços tecnológicos e, neste caso, potencializa-se o critério da “responsabilidade democrática”. A não produção de registros e não veiculação das imagens que apresentam figuras humanas identificáveis atende à regulamentação proposta pela ANTT, mas ao mesmo tempo não retira o poder de um organismo privado de, no exercício de uma função pública, ver-nos sem ser visto.

É do CCT que partem os acionamentos das equipes operacionais da Ponte, a programação das mensagens veiculadas nos painéis de mensagens variáveis (PMVs) e dos semáforos, o monitoramento das condições climáticas e de visibilidade na ponte (CCR PONTE, 2009), além da transmissão de imagens para a cobertura matutina do trânsito pelo telejornal da Rede Globo de Televisão e para a delegacia da Polícia Rodoviária Federal, localizada a alguns metros do CCT, no mesmo terreno, em Niterói. O CCT é equipado com um sistema de monitoramento que conta com um *video wall* de 8m x 1,70m, formado por oito telas de 61 polegadas cada uma. As quatro telas superiores, no entanto, durante o período da pesquisa, veiculavam as imagens de seis câmeras, totalizando 10 imagens distintas simultaneamente exibidas. As seis telas superiores exibem imagens das 22 câmeras em um ritmo programado, mas cujo padrão é a alternância de imagens a cada 3 segundos. As quatro telas inferiores exibem os softwares de logística da ponte, da esquerda para a direita temos, respectivamente, os indicadores de volume de tráfego, o software de operação dos PMVs, o software de operação dos semáforos e, por último, a imagem da câmera do Obelisco, uma torre de 50 metros no acesso à ponte por Niterói, com rotação de 360°.

## O PANOPTISMO E A INFORMAÇÃO

As imagens produzidas pela câmera do Obelisco, além de exibidas fixamente no monitor inferior, mais à esquerda do *video wall*, são alternadamente exibidas junto às das demais câmeras. Tais imagens conduzem inevitavelmente, pela disposição e alcance, à idéia desenvolvida por Michel Foucault, a partir do dispositivo arquitetônico projetado por Jeremy Bentham do Panóptico. Judith Revel (2006) apresentou na publicação comemorativa dos 80

anos de nascimento de Michel Foucault, organizada pelos pesquisadores brasileiros José Gondra e Walter Kohan, a hipótese de que, talvez, *Vigiar e Punir* – a obra em que a figura arquitetônica de Bentham é convocada por Foucault – tenha sido vítima de sua notoriedade. Ao optar aqui por uma análise da visualidade como dispositivo de poder, parece impossível não comentar o panóptico benthamiano, “que se tornou rapidamente para muitos leitores o resumo figurado das análises de Foucault” (REVEL, 2006, p. 59).

O Panóptico, essa figura arquitetural desenvolvida por Jeremy Bentham, teve seu princípio amplamente divulgado:

na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia (FOUCAULT, 1987, p. 165-166)

Exatamente por essa enorme divulgação não nos interessa a retomada em profundidade da descrição foucaultiana do panóptico, mas a resposta de Michel Foucault às críticas derivadas da aparência atribuída a tal dispositivo de poder de controle absoluto, de transparência total, de divisão e repartição de espaço e de treinamento e obediência (REVEL, op. cit., p. 59). Para tanto, cito o fragmento de um texto publicado por Michel Foucault na revista italiana *Aut Aut*, em 1978, sob o título *Precisões sobre o poder. Respostas a certas críticas*:

Em relação à redução simples de minhas análises à metáfora simples do panóptico, creio que aqui também podemos responder em dois níveis. Podemos dizer: comparemos aquilo que eles me atribuem àquilo que eu disse; e aqui é fácil mostrar que as análises do poder que eu conduzi não se reduzem nem um pouco a esta figura, nem mesmo no livro em que eles a foram buscar, isto é, *Vigiar e Punir*. De fato, se eu mostro que o panóptico foi uma utopia, uma espécie de forma pura elaborada no final do século XVIII para fornecer a fórmula mais cômoda de um exercício constante de poder, imediato e total, se portanto eu fiz ver o nascimento, a formulação desta utopia, sua razão de ser, é também verdade que eu mostrei que se tratava precisamente de uma utopia que nunca havia funcionado da forma como foi descrita, e que toda a história da prisão – sua realidade – consiste precisamente em ter sempre passado ao lado deste modelo. (FOUCAULT, 1978 apud REVEL, op. cit., p. 59-60).

A visualidade propiciada pelo olhar tecnologicamente mediado desde o Obelisco aponta para algumas importantes inflexões nos regimes de vigilância e visibilidade contemporâneos. Além das considerações feitas por Foucault acerca das leituras que reduziram seu complexo conceito de poder à metáfora do panóptico e das que depreenderam desta metáfora um poder total e asfixiante, o Obelisco situado no acesso à Ponte Rio - Niterói não conta com uma construção em formato de anel ao seu redor, ele está a céu aberto, em uma região que se caracteriza pelo trânsito constante, pela mobilidade e não, como no modelo disciplinar, pelo confinamento. Gilles Deleuze (1992) já previra em um famoso texto publicado em inícios dos anos 90 que as sociedades disciplinares eram algo que já estávamos deixando de ser. No lugar da sociedade disciplinar, a sociedade que vinha se delineando foi chamada por Deleuze de sociedade de controle e rompeu com a lógica de funcionamento da disciplina.

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomeça do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é analógica. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlatos, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é numérica (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro (DELEUZE, 1992, p. 221).

O postulado deleuzeano da sociedade de controle será retomado algumas vezes ao longo deste artigo pois dá conta de dois elementos-chave no fenômeno que estamos abordando: as novas tecnologias de comunicação e informação e a lógica da empresa. Com relação às tecnologias informacionais envolvidas no trabalho dos controladores, merece destaque, além do *video wall*, a mesa dos controladores, que conta atualmente com 2 monitores LCD que também transmitem as imagens das câmeras de monitoramento da ponte, 3 computadores através dos quais gerenciam as equipes de apoio, registram os eventos, fazem o relatório de turno etc., rádios em duas frequências (uma de acesso a todas as viaturas e outra de contato exclusivo entre uma viatura e o CCT), telefones fixos e móveis e uma espécie de Joystick através do qual os controladores operam as câmeras PTZ – instaladas há cerca de treze anos, mais limitadas em termos de rotação, mas que propiciam uma maior visibilidade à noite – e Dome – instaladas há cerca de 3 anos, que são capazes de girar 360° e sobre o próprio eixo em apenas um segundo –. Além disso, há o tele-ponte, serviço de atendimento ao usuário, que conta com três telefonistas e situa-se ao fundo da sala, separado apenas por um vidro, de

modo que os telefonistas podem acompanhar as imagens de vigilância e/ou transmitir a ligação para o controlador.

Dessa descrição podemos depreender a centralidade da comunicação e da informação na gestão da rodovia, aspecto que norteia nossas inquietações no que diz respeito ao regime atencional envolvido na atuação no monitoramento e no controle da ponte. Ao pensarmos cada elemento desse campo perceptivo como um potencial foco de atenção e, simultaneamente, como potencial distrator, nos deparamos com um quadro em que a modulação da atenção é extrema e de longa duração, o que nos coloca diante de uma situação de hiperestimulação incessante, que é percebido diferentemente por cada trabalhador, em função de múltiplos e diferentes fatores. Mas o que nos interessa enfatizar aqui é a filiação institucional pública ou privada como um vetor configurante de modos diferenciados de prestar atenção. A amplitude do campo de percepção e ação dos funcionários da Ponte S/A é bastante superior à dos policiais rodoviários federais. Enquanto aos primeiros cabem todas as tarefas listadas acima, aos segundos cabe quase exclusivamente o registro de placas de veículos infratores. Apesar disso, o que nos interessa ressaltar é a inserção dos primeiros no sistema empresarial e a dos últimos no sistema público. Nossa suspeita é de que as noções empresariais de eficácia e competitividade atuam de modo decisivo, embora muitas vezes implícito, no desenho do campo perceptivo dos trabalhadores da iniciativa privada que, em geral, são mais jovens que os policiais rodoviários federais e vêm de uma geração que foi formada em meio a um maior volume de novas tecnologias de imagem, informação e entretenimento.

### **Neoliberalismo: lógica da empresa e culto da performance**

A configuração da equipe revelou-se bastante eloquente acerca das diferenças oriundas da entrada de empresas privadas na cena pública e das mudanças advindas da consolidação do neoliberalismo enquanto sistema que produz um Estado que atua mimetizando o mercado e não mais, como o Estado de Bem-Estar Social, na remediação dos inevitáveis males do sistema capitalista. Normalmente trabalham três funcionários no CCT, sendo dois da Ponte S/A e um da Polícia Rodoviária Federal. Geralmente, um dos funcionários da Ponte é alguém que está alocado na pista mas tem interesse em aprender a operar o sistema de monitoramento. O outro funcionário da Ponte, muito frequentemente, já atuou na pista e demonstrou interesse pelas atividades do CCT. O terceiro funcionário é um policial rodoviário federal. O funcionário que ainda atua na pista e está se aproximando do sistema de monitoramento trabalha com o uniforme de operações que consiste em um jaleco e uma calça



em tecido reflexivo. O controlador que exerce exclusivamente as atividades de logística e vigilância, desenvolve seu trabalho usando terno e gravata. O policial rodoviário federal trabalha fardado. A configuração da gerência deste território vigiado, embora nas relações mais cotidianas e moleculares não tenha revelado a competitividade como vetor central, revela estratégias de implementação da competitividade como um valor social, bem nos moldes da lógica empresarial. A convivência de categorias profissionais de status distintos na realização de tarefas semelhantes articula a modulação salarial da empresa de que fala Deleuze, o que culmina no fim das categorias trabalhistas tal como moldadas pelo capitalismo industrial.

A CCR (Companhia de Concessões Rodoviárias), que administra a Ponte Rio - Niterói sob a concessionária Ponte S/A, é uma holding que atua no setor de infra-estrutura e no mercado financeiro, sendo emblemática da entrada do grande capital no espaço público, que se deu com a constituição do Estado neoliberal nas últimas décadas do século XX. O Estado concedeu à Concessionária da Ponte Rio - Niterói S/A a administração do serviço público de administração da rodovia em 1995, o que vem atestar a relação entre a retirada do Estado do setor de serviços e o ingresso da empresa na vida pública, na esteira das transformações implementadas pelo projeto neoliberal.

Este quadro é fundamental para pensarmos as inflexões nas dinâmicas atencionais em consonância com a realidade sócio-político-econômica que constitui o presente estado de coisas. A eloquência da configuração da equipe também se concatena com o modelo de modernização periférico, no qual se sobrepõem elementos que, a título de sistematização, podem ser remetidos a momentos históricos distintos. Isso pode ser notado muito claramente nos diferentes regimes de atenção dos policiais rodoviários federais e dos controladores da Ponte S/A. Os funcionários da holding possuem uma atenção muito mais modulada, capaz de transitar entre múltiplos elementos distratores sem comprometer a realização da tarefa de controle, ao passo que os funcionários do Estado possuem um regime de atenção mais próximo daquele demandado pelas instituições disciplinares, ou seja, um regime focado de atenção, definido pela própria natureza do trabalho desenvolvido, não um trabalho de logística e gerência atravessado pela lógica empresarial da eficácia, mas um trabalho de autuação de veículos infratores nos moldes disciplinares. Essa lógica, no entanto, parece estar em mutação. Conforme já explicitamos, uma das características do Estado neoliberal é a mimetização do mercado, pudemos observar isso no sistema que vêm sendo implementado pela Polícia Rodoviária Federal de pontuação dos patrulheiros pelo número de infrações registradas, ou seja, em função do número de multas aplicadas, sendo a multa com abordagem

pontuada com um valor superior ao da multa sem abordagem, o que inevitavelmente deixou os patrulheiros que atuam no CCT da Ponte S/A em uma desvantagem competitiva o que – quem sabe? – desdobrar-se-á em um regime de atenção ainda mais modulado e eficaz.

Não parece mera coincidência que os controladores da Concessionária da Ponte Rio - Niterói S/A sejam mais jovens do que os policiais rodoviários, lemos este dado a partir das capacidades cognitivas da geração forjada em meio às novas tecnologias computacionais e mesmo à plasticidade cognitiva dos mais jovens. A lógica empresarial também atua tensionada com o dispositivo – que podemos remeter à modernidade disciplinar – que diferencia os estágios em que se encontram os funcionários da mesma holding no exercício de tarefas bastante semelhantes de controle e monitoramento: o uniforme. Podemos deduzir as implicações subjetivas deste processo a partir, além do já citado trabalho de Deleuze, do trabalho de Ehrenberg (1991) no qual este mapeia, na última década do século passado, na sociedade francesa: a conversão ao culto da performance. Esse movimento era anunciado pelo autor francês nos seguintes termos: “Vogue du Sport, médiatisation de l’entreprise, explosion de l’aventure, glorification de la réussite sociale et apologie de la consommation: en une dizaine d’années, la société française s’est convertie au culte de la performance” (ibid., p. 13). O texto de Deleuze não deve sair de nosso horizonte quando da leitura desta obra de Ehrenberg, que escreve sobre a sociedade francesa:

Battants, leaders, aventuriers et autres figures conquérantes ont envahi l’imagination française. Ils symbolisent une version entrepreneuriale et athlétique de la vie en société. Version entrepreneuriale et athlétique puisque dans le marché des grandes valeurs, la valeur du marché fait l’objet d’un accord croissant. Sans doute est-il l’espace qui produit l’exclusion, détruit les formes assistancielles instituées et favorise les inégalités. Mais, simultanément, pas de compétitivité de l’entreprise, pas d’efficacité de la protection sociale ou de stratégies de réinsertion crédibles et pas de liberté politique sans marché. (...) Il n’y a plus d’opposition de nature entre la démocratie et l’entreprise car l’une comme l’autre ont changé de signification: l’instrument de domination sur les classes populaires devient un *modele de conduite* pour tous les individus (ibid., p. 13-14).

Ehrenberg afirma que a invasão dos espaços político, social e mental por um tipo de existência baseado na competição é um fenômeno novo e que cabem as indagações: quais são as significações dessas imagens novas? Que hipóteses são capazes de dar conta delas? O autor vai então caracterizar o ideal de performance com base na mudança em três esferas da sociedade francesa: concorrência econômica, consumo de massa e competição esportiva. O chefe (ou gerente) da empresa que, outrora caracterizava a *imoral* exploração do homem pelo

homem, desde inícios dos anos 90 passava a ser emblema de eficácia e êxito pessoal. O consumo, antes associado à alienação da massa e passividade individual, passa, no momento estudado por Ehrenberg (e até nossos dias), a encarnar o papel de um dos principais vetores de realização pessoal. Os campeões esportivos, por sua vez, agora são símbolos de excelência pessoal em contraste com seu papel anterior de signo do atraso social. É a partir das relações entre essas esferas que ganha corpo o “estilo de existência” descrito pelo autor.

Se proliferam figuras conquistadoras, escreve Ehrenberg, “la valorisation de la figure de l’entrepreneur et de l’action d’entreprendre en sont les emblèmes.” (ibid., p. 16). Assim, nos tornamos cada um de nós verdadeiros profissionais de nossa própria performance. A conquista de autonomia e a definição da identidade pessoal têm como único caminho, a partir de então, a crescente profissionalização da vida sob os auspícios da empresa. O significado que Ehrenberg atribui a esse processo de *empresarização* da vida em uma sociedade na qual a empresa foi objeto de mais afrontas do que consensos é que tal dinâmica revela, simultaneamente, uma definição nova do ator de massa e uma inflexão da sensibilidade igualitária.

À travers la concurrence s’impose peu à peu à tous les niveaux de la société une série d’images de vie et de modes d’action que poussent n’importe qui, quelle que soit sa place dans la hiérarchie sociale, à occuper une position qui rend visible sa seule subjectivité, ce par quoi chacun est différent, c’est-à-dire simultanément unique et semblable. Chacun doit désormais s’impliquer dans la vie professionnelle, la consommation, les loisirs ou la politique au nom de lui-même. La concurrence est une pédagogie de masse qui, aujourd’hui, incarne pour n’importe qui à la fois la possibilité et la contrainte de devenir quelqu’un (ibid., p. 16).

Este estilo de vida implica, necessariamente, assumir riscos. Todos são convidados a responsabilizarem-se por si mesmos em um mundo caracterizado crescentemente por complexidade e incerteza. Ao sair dos estádios, o modelo da competição configura-se *sem fora*. A concorrência sai da esfera estrita dos mercados e dissocia-se, definitivamente, da injustiça. A competição é a forma assumida pela justa concorrência. É aí que o esporte, outrora negligenciado pelas ciências sociais e tão pouco legítimo até a virada dos anos 80, torna-se, no pensamento de Ehrenberg, a via central para a compreensão das relações sociais, quando a relação de igualdade se reorganiza naquela de concorrência generalizada. O esporte fornece, deste modo, uma referência crível de avaliação do que é justo e vai, juntamente com o consumo, ser incorporado pela empresa – *efeito-instrumento* da relação contemporânea com a igualdade – através de uma dinâmica que Ehrenberg explicita:

Le culte de la performance a opéré le passage de cette liberté privée à une norme pour la vie publique en faisant la synthèse de la compétition et de la consommation, en mariant un modèle ultra-concurrentiel et un modèle de réalisation personnelle. Empruntant à la compétition sportive son critère de juste concurrence et à la consommation sa thématique de la réalisation personnelle, l'entreprise est simultanément miroir et producteur de la relation contemporaine à l'égalité (ibid., p. 19).

Após a explicitação, em linhas gerais, da tese que Ehrenberg defende em *Le culte de la performance*, convocamos a parte dessa obra que interessa de modo mais específico à nossa problemática. Na parte IV de seu livro, intitulada *O indivíduo sob perfusão*<sup>2</sup>, Ehrenberg analisa a questão da performance com base nas drogas, relacionando drogas lícitas e ilícitas e estabelecendo um paralelo com o problema ético do doping no esporte. Solidariedade sem assistência, o casamento de eficácia e responsabilidade e o engajamento institucional que prescinde de manipulação das consciências, suscitados pelo espírito da empresa, constituem-se como a única alternativa digna de credibilidade na gestão dos riscos. A modulação salarial também produz um contexto no qual cada um é incitado a se autogovernar, na medida em que a responsabilidade sobre seu poder de consumo – modelo de realização pessoal – é exclusivamente sua.

### **A atenção medicalizada e o doping empresarial**

Essa parte do livro de Ehrenberg interessa-nos em função da expansão dos diagnósticos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e do tratamento dessa patologia quase exclusivamente através de terapêuticas medicamentosas, sobretudo do uso de metilfenidato, substância comercializada como Ritalina. A expansão do número de pessoas diagnosticadas como portadoras do transtorno parece contrapor-se aos imperativos por modos de atenção extremamente modulados, como os que são forjados no interior do Centro de Controle do Tráfego da Ponte S/A. Além disso, a pregnância do espírito da empresa implementa múltiplas relações entre atenção e mundo corporativo; por um lado, observamos que os funcionários da holding no centro de controle que aqui estamos estudando são dotados de um modo peculiar de prestar atenção, mais próximo do que é, em outras esferas da vida social, enquadrado como patológico; e por outro lado, o espírito da empresa desloca a medicalização de sua função terapêutica para uma nova função: o aprimoramento.

---

<sup>2</sup> Perfusão: ingestão contínua e lenta de soro.

A abordagem da “drogadição” contemporânea por Ehrenberg vai, nesse ideal de subjetividades auto-geridas, ultrapassar a oposição jurídica entre produtos lícitos (medicamentos) e ilícitos (drogas), em favor de uma análise nos termos das significações de tais práticas. Ou seja, no lugar do par opositivo lícito e ilícito, a análise de Ehrenberg nos coloca em contato com duas categorias muito mais complexas, por se delinarem em meio às dinâmicas das relações sociais e não serem um mero efeito cristalizado na forma jurídica: drogas de integração e drogas de evasão. O autor chega a afirmar que foi a partir dos efeitos artificialmente produzidos por drogas ilícitas, como cocaína e heroína, que os neurolépticos foram produzidos. Independente de seus efeitos psicológicos, o discurso vigente acerca dos medicamentos psicotrópicos os conecta à concorrência. As questões despertadas pela ansiedade social generalizada e os medicamentos psicotrópicos não são novas, mas em outros tempos estiveram limitadas aos especialistas e críticos do consumo. Agora tais questões estão instaladas no espaço público e, nesse processo, os psicotrópicos saem do campo da saúde para integrar o das drogas. A visão acerca do consumo de psicotrópicos mudou, conforme Ehrenberg assinala no trecho que transcrevemos abaixo:

On est passe d’une vision sédatrice à une vision psychostimulante. L’inflexion du discours sur les médicaments psychotropes substitue à l’opium du peuple la société dopée: l’individu sous perfusion est un aspect de l’entrepreneuriat de la vie. L’obsession de gagner, de réussir, d’être quelqu’un et la consommation en masse de médicaments psychotropes sont étroitement liées parce qu’une culture de la conquête est nécessairement une culture de l’anxiété qui en est la face d’ombre (ibid., p. 257).

Embora nas conversas com os controladores da Ponte S/A a utilização de drogas com fins de aprimoramento da atividade de controle não tenha sido mencionada, outras adjacências históricas vêm apontar para a imbricada conexão entre competitividade e medicamentação. Segundo matéria publicada em dezembro de 2008 na Folha de São Paulo, um grupo de cientistas de universidades dos Estados Unidos e do Reino Unido assinaram um manifesto que discute a regulamentação do uso “off label” de certas drogas, ou seja, a regulamentação do uso de drogas criadas originalmente para patologias como o TDAH e a narcolepsia com a finalidade de “turbinar” a inteligência. Um levantamento conduzido em 2008 nas universidades americanas revelou que cerca de 7% dos estudantes já fizeram uso de medicamentos desse tipo pelo menos uma vez, na tentativa de melhorarem seus desempenhos acadêmicos (GARCIA, 2008).

Diante desse quadro parece que emerge um sentido, ainda que movente, para a reestruturação subjetiva pela via medicamentosa, a saber: a integração indolor a uma realidade ambiental cruel. Essas drogas constituem o último modo de *ação* do homem que, “incapable d’atteindre l’autonomie, dérive vers une indépendance tant à l’égard de lui-même que de la réalité sociale. Elles sont une manière de se décharger du poids de cette pesante liberté qu’est l’autonomie.” (ibid., p. 259). Se as drogas tradicionais atuavam produzindo uma evanescência na irreabilidade, os psicotrópicos funcionam como armas para enfrentar a realidade. Esses dopantes são drogas de integração social e relacional. O uso das drogas lícitas está dissociado do prazer; utilizam-se psicotrópicos para tornar as cobranças mais leves, quando o peso da responsabilidade está prestes a sufocar. Ehrenberg se apropria do caso do doping esportivo, ressaltando:

La référence au dopage, c’est-à-dire à l’usage des drogues dans l’univers sportif, donne une clé pour saisir les significations de ce phénomène de masse. (...) ils permettent de se stimuler ou de se calmer pour être compétitif et de se rendre indépendant des contraintes sociales *tout en restant socialisé*. (ibid., p. 259-260).

A diferença entre se drogar e se dopar é central para compreendermos a inflexão entre a percepção da toxicomania e o consumo de medicamentos psicotrópicos. A utilização destes medicamentos se bifurca em duas leituras: em primeiro lugar, se entendida em sua dimensão de alteradora de estados da consciência, rompe com a tradição de desvio e marginalidade que caracterizou o mundo das drogas ilícitas; se entendida a partir de seu caráter terapêutico, sinaliza um prolongamento nos grupos consumidores de instrumentos químicos inventados no campo psiquiátrico para o tratamento de doenças mentais. Mas, no centro dessa mudança encontra-se a generalização da competição.

Apesar de não encontrarmos na pesquisa de campo, junto à equipe do CCT, qualquer menção, espontânea da parte dos controladores ou incitada por mim, à utilização de medicamentos com fins de aprimoramento, este fenômeno de medicamentação está intimamente relacionado com as demandas cognitivas de que o trabalho no CCT é modelar: uma flutuação em um grau até então inédito. O discurso dos controladores, ao contrário, enfatiza o hábito como elemento central para dar conta dos múltiplos estímulos a que são expostos por longos períodos de tempo, o que por um lado, vem depor contra a determinação biológica do fenômeno da atenção, como veremos a seguir, mas, por outro, não dá conta do problema da instrumentalização da cognição em favor do capital privado e de certas práticas de controle.

### **Breve história social da atenção**

A atenção pertence ao grupo dos “conceitos nômades”, que descrevem fenômenos não completamente apreensíveis (WALDENFELS, 2004; CALIMAN, 2006). Luciana Caliman destaca que o processo cognitivo da atenção não é interior e nem exterior ao corpo humano e que não é regido por nenhuma lei rígida. O nomadismo deste conceito guarda então uma ambigüidade fundamental: se não é contemplado por um “mundo conceitual” que costumeiramente rejeita o nomadismo de certos fenômenos, torna-se estratégico nos jogos dinâmicos de força que atravessam as formas temporárias e contingentes assumidas pelo poder, tal como postulado por Michel Foucault (2006).

Ao longo da história da filosofia do conhecimento e da psicologia, o fenômeno cognitivo da atenção foi tema de acirrados debates, que viriam depor contra uma base biológica determinante. Como conceito fronteiro, de significações moventes, a atenção abriga controvérsias profundamente marcadas por vetores históricos de ordem social, política, econômica e cultural. Ao investigar o início do sensacionalismo popular norteador pela noção de hiperestímulo, Ben Singer apresenta um rico panorama, em que a atenção ocupa lugar de destaque. O aumento da população urbana, da velocidade dos fluxos de transporte e informação, das atividades comerciais e industriais exigiu do sujeito moderno novas formas de percepção e atenção. A imprensa popular de finais do século XIX e início do século XX converteu-se em um lugar no qual percebemos, como nos mostra Singer, uma “hiperconsciência especificamente histórica da vulnerabilidade física no ambiente moderno” (SINGER, 2001, p. 127). A atenção na modernidade capitalista deve ser entendida como resposta a essas demandas advindas da cidade, da fábrica e das novas formas de entretenimento.

O processo de modernização da percepção abrigou o desenvolvimento de tecnologias ópticas (estereoscópio, taumatrópio etc.) que se inseriram na nascente cultura do espetáculo, deslocando-se dos laboratórios científicos para as feiras populares e casas burguesas. É importante observar aqui que essa cultura do espetáculo nascente vinculou-se “a um novo regime de atenção, que configura um continuum entre a atenção e formas variadas de desatenção, devaneio, transe e sonambulismo” (FERRAZ, 2005, p. 6). O psiquiatra Rossano Cabral Lima corrobora essa idéia de uma linha de continuidade entre atenção e distração.

O acelerado fluxo da economia capitalista e a organização do trabalho em novas formas de produção em larga escala, junto com o surgimento de

tecnologias perceptivas como o cinematógrafo, o fonógrafo e o telefone, nutriam-se também do imperativo cultural de desviar o interesse para diversas fontes de estímulo e consumo. A distraibilidade tornava-se traço inevitável de um sujeito que transformou a atenção no eixo de sua vida psíquica e social (LIMA, 2005, p.132).

O historiador da arte e da atenção Jonathan Crary (1999) observa que os estados extremos de hipnose e sonambulismo estavam explicitamente relacionados com as preocupações da sociologia nascente, sobretudo nos trabalhos de Gabriel Tarde e Gustave Le Bon.

Tarde unhesitatingly equated social existence with somnambulism, that is, with a state characterized by heightened receptivity to suggestion. Le Bon and others noted hypnotic aspects of the life of crowds, but Tarde went much further: “I shall not seem fanciful in thinking of social man as a veritable somnambulism... The social, like the hypnotic state, is only a form of a dream” (CRARY, 1999, p. 242).

Esses trabalhos sociológicos que Crary apresenta não constituem o único lugar em que os regimes modernos de atenção modulada são tematizados. Os estados de transe e hipnose permearam o imaginário do século XIX e do início do século XX, por exemplo, em alguns filmes do expressionismo alemão como *O gabinete do Dr. Caligari*, dirigido por Robert Wiene e em muitas outras manifestações da cultura de massa. Mas o curioso é observar que, para além desses estados extremos, os estados de atenção e devaneio foram tematizados na modernidade como pontos distintos de um regime contínuo e movente, notável nos modos mais cotidianos de subjetivar-se e não exclusivamente na ficção científica.

Essa desestabilização por que passou os regimes de conhecimento, percepção e atenção no século XIX pode ser dimensionada diante da evocação do conceito de “função de realidade”, postulado por Pierre Janet na década de 1880, que postulava a “realidade” como efeito de certos regimes de percepção e atenção e, portanto, função de um corpo que dura e está sujeito a variações e distúrbios (FERRAZ, 2005, p. 4). Assim como o corpo foi introduzido na percepção e no conhecimento ao longo do século XIX, ele também o foi no que diz respeito à atenção.

A pesquisadora Luciana Vieira Caliman traçou em sua tese de doutoramento uma análise da constituição do indivíduo atento no interior do processo histórico de biologização moral da atenção. A história da biologia moral da atenção é dividida pela pesquisadora em três momentos principais: a segunda metade do século XVIII; a segunda metade do século XIX e as últimas três décadas do século XX.



No século XVIII, a atenção adquire valor para as teorias psicológicas porque foi compreendida “como um ato mental que exercia um papel ativo no processo de constituição do conhecimento e na formação da identidade pessoal” (ibid., p. 19). Já no século XIX, o valor da atenção se transforma diante da incorporação de dois problemas impensáveis até o século anterior: o primeiro é uma necessidade científica de separação e distinção entre aspectos objetivos e subjetivos do conhecimento e o segundo tem a ver com a “moral vitoriana do controle e domínio dos sentimentos e impulsos pela força da vontade e treino da atenção” (ibid., p. 22). No século XIX, o prazer, o interesse e a emoção não se constituíam mais como sustentáculos da atenção, a psicologia científica deste momento os substituiu pelo “esforço da vontade”.

Caliman prossegue apresentando o diagnóstico de UHL (1889 apud CALIMAN, p.18), segundo o qual a fisiologia da atenção adquiriu importância crescente ao longo do século XIX. Segundo ele, no século XVIII, os aspectos psíquico e espiritual tiveram destaque sobre aspectos fisiológicos, o que se inverteu no século XIX. A vida, no século XIX, passou a ser concebida como fenômeno reativo do corpo e da mente às demandas sócio-ambientais. Assim, a patologia era uma falha neste processo adaptativo, uma “reação moral negativa” do corpo e da mente, que eram ineficazes na adaptação ao mundo. Importante ainda é destacar que muito da produção científica deste momento tinha como pressuposto filosófico a manutenção da ordem social e moral, vale citar aqui Johann Friedrich Herbart, sobre quem Crary escreveu:

Also it is important to remember that Herbart's work was not simply abstract epistemological speculation but was directly tied to his pedagogical theories, which were influential in Germany and elsewhere in Europe during the mid-nineteenth century. Herbart believed that his attempts to quantify psychological processes held the possibility for controlling and determining the sequential input of ideas into young minds, and in particular had the potential of instilling disciplinary and moral ideas. Obedience and attentiveness were central goals of Herbart's pedagogy. Just as new forms of factory production demanded more precise knowledge of a worker's attention span, so the management of the classroom, another disciplinary institution, demanded similar information. In both cases the subject in question was measurable and regulated in time (CRARY, op. cit., p. 102).

Herbart não estava isolado nesse modelo de pesquisa orientado para a manutenção da ordem social e da moral na vida prática. Luciana Caliman destaca neste processo que ela chama “biologização moral da atenção e da vontade” a psicologia fisiológica vitoriana, sendo representantes deste modelo de ciência, entre outros, os médicos Thomas Laycock e William

Benjamin Carpenter. O que reunia o ponto de vista destes médicos era a necessidade de “construir uma explicação natural e fisiológica para a patologia mental” (CALIMAN, op. cit., p. 31). Merece destaque aqui Carpenter que, a fim de conciliar seu ponto de vista naturalista com as demandas morais da época, introduziu a atenção como mediadora da ação da vontade, recomendando sua fixação através da instituição educacional.

It is the aim of the Teacher to fix the attention of the Pupil upon objects which may have in themselves little or no attraction for it .... The habit of attention, at first purely automatic, gradually becomes, by judicious training, in great degree amenable to the Will of the Teacher, who encourages it by the suggestion of appropriate motives, whilst taking care not to overstrain the child's mind by too long dwelling upon one object (CARPENTER, 1896, p. 134-135; CRARY, 1999, p. 63).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão dos regimes de atenção foi um importante objeto de disputa política na sociedade capitalista do século XIX e a instituição educacional ocupou um lugar de destaque nesta disputa. A produção industrial, a lógica de circulação dos produtos da indústria cultural e alguns outros aspectos da modernidade irão se conformar, ao mesmo tempo em que conformam esse sujeito (des)atento. O princípio foucaultiano de norma e desvio se verá acirrado em função dessa concepção movente de atenção e distração, que tornará volátil a cisão entre patologia e estados intensivos de criação. Entre o profissional atento e o desatento teremos graus de atenção que os distribuirão no espaço e os hierarquizarão, docilizando-os, potencializando sua utilidade e domesticando sua potência inventiva.

Talvez ainda seja demasiadamente prematuro falar em uma mudança de natureza nos modos de atenção contemporâneos, no entanto, parece indiscutível que a atenção modulada nos moldes modernos tornou-se ainda mais flutuante. A suspeita que deriva da experiência no Centro de Controle do Tráfego do Centro de Controle Operacional da Concessionária da Ponte Rio - Niterói S/A é que a plasticidade do capital em sua versão contemporânea, não mais o capital industrial detentor de um lastro material, mas um capital que se alicerça sobre informação e a gestão de vidas, como é o caso da produção capitalista da Ponte S/A, produz atividades profissionais constantemente ameaçadas pelo novo, pelo acidental e caracterizadas pela instabilidade, o que retira do universo do trabalho aquele modo distendido de atenção, linha de fuga dos operários, que tem na Mme. Bovary, de Flaubert (2008), seu maior expoente.

## REFERÊNCIAS

- ANTT. Agência Nacional de Transporte Terrestre. **“Resolução nº 2064, de 05 de junho de 2007”**. 2007. Disponível em <[http://www.antt.gov.br/acpublicas/apublica2007\\_59/PropostaResolucao\\_ap059.pdf](http://www.antt.gov.br/acpublicas/apublica2007_59/PropostaResolucao_ap059.pdf)> Acesso em 19 de fevereiro de 2009.
- CALIMAN, Luciana Vieira. **A biologia moral da atenção: A constituição do sujeito (des)atento**. 2006. 170 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- CARPENTER, William B. **Principles of Mental Physiology**. London: Kegan Paul, 1896.
- CRARY, Jonathan. **Suspensions of Perception: attention, spectacle, and modern culture**. Cambridge: MIT Press, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: ed. 34, 1992.
- EHRENBERG, Alain. **Le culte de la performance**. Paris: Hachette Littératures, 1991.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Percepção, tecnologias e subjetividade moderna. E-Compós**. Digital, 2005.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GARCIA, Rafael. “Grupo de cientistas pede liberação de doping mental”. **Folha de São Paulo, digital**, São Paulo, Ciência e Saúde, 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u476483.shtml>> Acesso em: 8 de dezembro de 2008.
- LEVIN, Thomas Y. **“Rhetoric of the temporal index: Surveillant narration and the cinema of ‘real time’”**. Cambridge: MIT Press, 2002, p.578-593.
- LIMA, Rossano Cabral. **Somos todos desatentos? O TDA/H e a construção de bioidentidades**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- CCR PONTE. **Centro de Controle Operacional**. Serviços. Disponível em: <<http://www.ponte.com.br/concessionaria/servicos/cco.cfm>> Acesso em: 19 de fevereiro de 2009.
- PARASURAMAN, Raja. “The Attentive Brain: Issues and Prospects”. In: PARASURAMAN, R. (Eds.) **The Attentive brain**. Cambridge: MIT Press, 2000, p. 3-15.

REVEL, Judith. “Nas origens do biopolítico: de Vigiar e punir ao pensamento da atualidade”. **Foucault 80 anos**, Belo Horizonte, p. 51-62. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SINGER, Ben. “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”. In: Charney, Leo e Schwartz, Vanessa R. (org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001, p. 115-148.

WALDENFELS, B. **Phänomenologie der Aufmerksamkeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.